



# **Estariam Ouro Preto e Mariana preservadas? - remanescências das formas de construir e viver -**

Vanessa Regina Freitas Silva<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

### **Ouro Preto e Mariana: aspectos de sua evolução urbana e preservação do patrimônio**

Vila Rica e Vila do Ribeirão do Carmo, atuais cidades de Ouro Preto e Mariana, respectivamente, constituem-se importantes marcos e referências do processo de colonização portuguesa do território mineiro desde a descoberta de ouro em fins do século XVII. Exercendo funções distintas na estrutura político-administrativa da capitania, Ouro Preto representava o poder da Coroa Portuguesa, figurando como sede da capitania, enquanto Mariana primeira figurava como *locus* do poder religioso da Igreja Católica

Condicionada por fatores econômicos, naturais e também pela imposição de normas e diretrizes urbanísticas, a paisagem dessas cidades sofreu inúmeras transformações, ainda que nos séculos XVIII e XIX a natureza dessas transformações não implicasse em grandes impactos ambientais e sócio-culturais. Entrando em processo de estagnação com o declínio da produção aurífera, Mariana e Ouro Preto mantiveram relativamente preservados seus centros históricos.

Ao final do século XIX, com a proclamação da república, a capital do Estado de Minas Gerais é transferida de Ouro Preto para Belo Horizonte. Este momento revelou-se como uma inflexão no processo de desenvolvimento de Ouro Preto, bem como dos municípios próximos. A cidade perdeu, de imediato, parte expressiva de sua população, transferida para a nova capital. Mariana, sede do bispado, também perdeu muito prestígio com o advento da República, quando estado e igreja finalmente se separaram.

Por outro lado, a implantação da rede ferroviária, nas primeiras décadas do século XX, veio conferir uma nova dinâmica à região, propiciada por uma maior facilidade de

---

<sup>1</sup> E-mail: [vanessafreisi@ig.com.br](mailto:vanessafreisi@ig.com.br)

deslocamento de pessoas e acesso a novidades. A paisagem se modificou pela introdução, sobretudo nas áreas mais planas das várzeas, de todo o aparato das ferrovias – a própria rede de trilhos, as estações – redirecionando o crescimento da malha urbana.

A presença da Escola de Minas de Ouro Preto garantiu por anos a vitalidade e o prestígio dessa cidade, conferindo também maior dinâmica econômica à região. Fundada em 1876 pelo imperador d. Pedro II, constituiu um importante atrativo e referencial para a instalação de indústrias e siderúrgicas na região a partir dos anos de 1940, quando se inicia a industrialização na região, fornecendo-lhes mão-de-obra altamente qualificada e veio a constituir o núcleo fundador da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

A presença de grandes jazidas minerais nessa região, parte integrante do chamado quadrilátero ferrífero, trouxe uma série de indústrias, razão pela qual Ouro Preto e Mariana têm, hoje, sua base econômica e de arrecadação centrada na extração mineral e no parque industrial do qual fazem parte a ALCAN, a Companhia Vale do Rio Doce e a SAMITRI/SAMARCO. Mas foi a partir dos anos 50 do século XX, que Mariana e Ouro Preto passaram a sofrer um intenso processo de urbanização e adensamento em razão do desenvolvimento e expansão de atividades industriais na região, bem como do setor terciário, o que resultou em situações de descaracterização crescente da paisagem urbana.

## **O Inventário Nacional de Ouro Preto e Mariana**

O Inventário Nacional de Bens Imóveis de Sítios Urbanos Tombados (INBI-SU), concebido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi executado para os sítios históricos tombados de Ouro Preto e Mariana através de um convênio firmado entre a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EAUFMG), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e o Ministério da Cultura (MinC)/IPHAN, dentro do Programa MONUMENTA. O INBI-SU insere-se no sub-programa de Fortalecimento Institucional do PROGRAMA MONUMENTA, que visa estabelecer um processo de revitalização dos sítios urbanos que dê sustentabilidade ao patrimônio e contribua para elevação da qualidade de vida das comunidades envolvidas. Esse Programa envolve instituições federais, estaduais e municipais, assim como segmentos da comunidade<sup>2</sup>.

Todos os inventários, que seguiram a metodologia INBI-SU desenvolvida pelo IPHAN, resultaram em produtos como plantas, fotografias e dados sobre as características

---

<sup>2</sup> IPHAN. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000. Disponível na Internet: [www.iphan.gov.br/proprog/proprog.htm](http://www.iphan.gov.br/proprog/proprog.htm).

dos imóveis e a situação sócio-econômica dos proprietários e/ou moradores, o que nos permite tomar como exemplo o INBI-SU de Mariana e Ouro Preto para discussão de questões mais abrangentes, visto que foram levantadas e sistematizadas informações sobre 1650 imóveis, localizados nos dois sítios tombados.

Durante a realização do INBI-SU, foram utilizados cinco formulários que têm como objetivo complementar o levantamento físico-arquitetônico e fotográfico através de registros e observações feitas pelos arquitetos e/ou técnicos responsáveis pelo seu preenchimento: registro de aspectos referentes ao lote; registro dos elementos arquitetônico e materiais empregados nas edificações e das características tipológicas; estado de conservação; perfil dos moradores/usuários do sítio urbano tombado e uso das edificações.

Os dados coletados em campo, através do preenchimento dos formulários, foram transmitidos para o banco de dados computadorizado desenvolvido pelo IPHAN. Sabendo claramente do teor das informações coletadas pelo INBI-SU de Ouro Preto e Mariana<sup>3</sup>, foi feita uma triagem daquelas que imediatamente interessavam ao desenvolvimento da pesquisa<sup>4</sup>. A partir daí, deu-se a sistematização dos dados em planilhas que posteriormente resultaram em gráficos e mapas. Assim, diante do rol expressivo de informações disponibilizado no INBI-SU, foram elegidas as informações que, articuladas entre si, possibilitaram a avaliação dos seguintes aspectos:

**1. Sistemas construtivos:** na abordagem dos dados específicos sobre os sistemas construtivos buscou-se observar a permanência ou não das técnicas construtivas antigas. De acordo com os levantamentos realizados, foram consideradas as seguintes técnicas/materiais: pau a pique, adobe, alvenaria de tijolo e alvenaria de pedra. A presença dos materiais/técnicas foi indicada por meio de seu percentual em relação ao conjunto da edificação, já que em muitos imóveis observou-se a existência de mais de uma técnica construtiva. Foram gerados mapas para cada tipo de material e técnica construtiva. Os imóveis inventariados não se restringiram somente àqueles considerados mais antigos ou que apresentassem algum valor histórico-artístico, mas os presentes nos percursos previamente definidos pelo IPHAN.

---

<sup>3</sup> Como estagiária do INBI-SU e posteriormente coordenadora de equipes tive contato com todos os passos para a execução do Inventário; o que favoreceu o completo entendimento da estrutura e conteúdo do INBI-SU de Ouro Preto e Mariana.

<sup>4</sup> A pesquisa citada foi desenvolvida entre agosto de 2002 e agosto de 2004 através de bolsa de Iniciação Científica concedida a mim, enquanto estudante de graduação, pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto de pesquisa denominado *Inventário de Ouro Preto e Mariana: um Patrimônio Cultural em transformação* foi orientado pelos professores Fernanda Borges de Moraes e Frederico Tofani.

**2. Estado de conservação dos imóveis:** foi adotada a pontuação indicativa do estado de conservação do imóvel idealizada pelo IPHAN, segundo a qual o estado é considerado bom (até 8 pontos), satisfatório (de 9 a 143 pontos) ou com problemas (acima de 143 pontos). A pontuação reflete o diagnóstico final do estado de conservação do imóvel inventariado e é calculada automaticamente<sup>5</sup>.

**3. Características da edificação:** verificação da influência do tipo de uso da edificação e sua ocupação no lote na dinâmica da cidade.

A partir dos mapas temáticos mencionados<sup>6</sup> foi possível indicar hipóteses sobre cada tema, avaliando as transformações urbanas ocorridas e traçando um perfil da situação atual das duas cidades.

## **ANÁLISES REALIZADAS**

### **1. Sistemas Construtivos**

Os mapas produzidos referem-se às técnicas construtivas aplicadas e presentes atualmente nas vedações dos imóveis de Ouro Preto e Mariana e foram expressas através de porcentagem, indicando a incidência. Desta forma, foi possível apresentar mais de uma técnica em um só imóvel; este deve ser analisado, portanto, através da coleção de mapas. É importante salientar que o INBI-SU não utilizou prospecções para a identificação dos sistemas construtivos, portanto, estes foram identificados pelos técnicos através de material a mostra, processo dedutivo e/ou depoimento do usuário do imóvel, devendo ser considerada probabilidade de informações equivocadas.

---

<sup>5</sup> O Departamento de Identificação e Documentação/DID – IPHAN, instituiu um sistema de pontuação para cada campo existente no formulário 3. A partir da soma dos valores de cada campo, tem-se a categorização do estado de conservação do imóvel (bom, satisfatório e com problemas).

<sup>6</sup> Neste artigo não poderão ser apresentados os 20 mapas produzidos, considerando o máximo de páginas apresentadas, porém alguns deles foram elegidos e ilustram as análises apresentadas.

Vale salientar que a taipa de pilão – técnica executada com uso de terra apiloada dentro de fôrmas de madeira (taipal) constituindo paredes estruturais – em Vila Rica e Vila do Ribeirão do Carmo não teve muita aceitação. Esse fato pode ser justificado devido a topografia difícil da cidade que dificultava sua adequada aplicação nas construções. A taipa de pilão só apareceu nas primeiras construções, talvez por tradições seiscentistas pouco adaptadas ao local, e somente em edifícios públicos ou matrizes. Assim, não foi registrada a presença dessa técnica em nenhum dos imóveis inventariados.

Para o artigo presente vamos discursar resumidamente sobre todas as técnicas pesquisadas e levantadas. Porém apresentaremos as ilustrações apenas dos mapas mais representativos para um entendimento mais objetivo. Por exemplo, destacamos a técnica mais preservada em cada um dos sítios: pau a pique em Ouro Preto e adobe em Mariana. Além disso, como contra-ponto, apresentamos os mapas sobre alvenaria de tijolo.

## **Ouro Preto**

### Pau a pique

Genericamente, pau a pique é a denominação de um sistema construtivo que utiliza gradeados de varas de madeira, chamadas de piques, organizados em sebe, preenchidos com barro. Desta técnica resultam paredes leves, com cerca de 15cm de espessura, pois as paredes de pau a pique não recebem, nem transmitem esforços. Foi o sistema construtivo mais utilizado nos prédios do Brasil colonial, mas também muito usado na execução de paredes internas em antigas construções posteriores, mesmo quando as paredes estruturais do prédio eram feitas em alvenaria de pedra ou tijolo. É também chamado taipa-de-sebe e barro-de-mão; taipa- de-sopapo e sopapo; taipa-de-pescoção; e frontal e galega.

Avaliando-se o mapa de Ouro Preto (MAPA 01 – em anexo) verificamos a existência de imóveis que ainda mantêm o pau a pique como sistema construtivo em parte ou em quase totalidade de sua constituição. Há uma concentração de edificações nesta situação localizadas no centro da cidade, provavelmente devido ao incentivo a favor da preservação neste local, visto que é mais freqüentado e visto pelos turistas e moradores. Já nas áreas mais distantes, caminhando para as extremidades, a preservação torna-se pontual talvez por interesses familiares e afetivos dos proprietários e/ou usuários ou mesmo pelo fato desses imóveis terem algum valor histórico e social.

### Adobe

O adobe é uma peça de barro em forma de paralelepípedo, semelhante ao tijolo utilizado em alvenarias. É composto de argila e pequena quantidade de areia, podendo entrar em sua composição estrume, fibra vegetal ou crina, para aumentar sua resistência.

Diferencia-se do tijolo por não ser cozido no forno, mas seco à sombra e depois ao sol e também por ter, em geral, dimensões superiores ao tijolo. Sua ligação na alvenaria é feita com o próprio barro e este também é usado para rebocar o adobe, que pode ainda ser revestido com massa de cal e areia. Em Ouro Preto, a manutenção do adobe nas edificações é mínima; poucas construções apresentam a técnica como constituição.

#### Alvenaria de pedra

De acordo com Sylvio de Vasconcellos<sup>7</sup>, as pedras foram aplicadas nas construções coloniais argamassadas ou secas. A alvenaria argamassada é composta por pedras de mão reunidas por argamassa de barro ou cal e areia. É empregada em alicerces, muros de arrimo e como vedação executada em fiadas de 40 a 50 cm. Já a alvenaria de pedra seca ou alvenaria insossa é formada por pedras de diversos tamanhos, arrumadas umas sobre as outras, sem utilização de um material de ligação e calçadas com lascas da mesma pedra. Suas pedras devem ser grandes, achatadas e com faces planas, constituindo obrigatoriamente paredes ou muros com espessura pelo menos igual a 1/5 da sua altura. Muito usada em muros de arrimo onde seja indispensável a permeabilidade. Em geral, preferiu-se a aplicação da alvenaria de pedra nas construções coloniais por favorecerem a proteção contra a frialdade do clima já que as paredes são mais espessas, além de serem mais resistentes, sendo utilizadas em paredes mestras e pilares.

De acordo com testemunhos antigos, Ouro Preto foi a povoação que mais utilizou a pedra como material de construção em Minas Gerais. E na cidade ainda restam muitas edificações que apresentam alvenaria de pedra em sua constituição.

#### Alvenaria de tijolo

Em Ouro Preto (MAPA 2 – em anexo) a maioria das construções analisadas já sofreu substituição das técnicas construtivas e têm como material de construção predominante a alvenaria de tijolo. Diante disso, comprova-se a substituição dos materiais tradicionais nas edificações seculares. Pode-se dizer que o início dessa substituição se deu quando muitos proprietários e moradores passaram a enxergar a alvenaria de tijolo como representação de “status”, pois ter materiais tradicionais aplicados em suas edificações era antiquado diante da cultura moderna instalada. Deve-se levar em conta também a dificuldade de manutenção devido à falta de recursos e de mão de obra especializada para manter paredes erguidas por técnicas seculares.

---

<sup>7</sup> VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos. 5ª ed.ver. Belo Horizonte: Rona, 1979. P. 29.

## **Mariana**

### Pau a pique

Em Mariana, a situação da manutenção da técnica é similar a de Ouro Preto, porém o centro histórico foi transformado com maior rapidez através da substituição do pau a pique, tornando a descaracterização mais perceptível.

### Adobe

Há um bom número de construções que mantêm paredes de adobe em Mariana (MAPA 3 – em anexo), indicando que provavelmente houve maior aplicação dessa técnica na cidade, talvez pela existência de matéria-prima mais adequada e de maior qualidade nos arredores da cidade.

### Alvenaria de pedra

Assim como ocorre em Ouro Preto, as construções das áreas mais antigas e centrais preservam parte da construção em alvenaria de pedra.

### Alvenaria de tijolo

Como em Ouro Preto, a substituição das técnicas tradicionais e antigas é alta, justamente pela questão da dificuldade de manutenção ou pelo interesse em “modernizar” as edificações (MAPA 4 – em anexo).

## **2. Estado de Conservação**

O estado de conservação de um imóvel refere-se ao seu grau de integridade físico-material, o que não deve ser confundido com o estado de preservação, relacionado à manutenção das características originais; independe, portanto, do período em que foi construído. Contudo, um imóvel que esteja em condições precárias pode se constituir numa ameaçada à integridade da sua vizinhança pois pode, por exemplo, propagar incêndios ou sobrecarregar a estrutura de outro, no caso de edificações geminadas, como as predominantes nos sítios urbanos tombados de Ouro Preto e Mariana.

Os aspectos avaliados em cada imóvel relacionam-se a problemas na cobertura, nas fundações, na estrutura portante e elementos arquitetônicos, identificados através de rachaduras, infiltrações e/ou biodegradação. Outro aspecto importante verificado, denominado “riscos potenciais”, apresenta-se em razão da existência de instalações prediais antigas e/ou mantidas de forma inadequada.

A partir dos mapas “Estado de Conservação” de Ouro Preto e Mariana, verificamos que há uma relativa homogeneização visual, pois não há concentração territorial de um grau de conservação. Porém, em Ouro Preto (MAPA 05 – em anexo), é possível observar que nas regiões mais afastadas do centro da cidade ou da Praça Tiradentes, estão os imóveis com pior situação de conservação. E ainda é possível afirmar que os locais com concentração de imóveis exclusivamente residenciais correspondem às regiões com imóveis menos conservados, como é o caso da região de Padre Faria. Em Mariana (MAPA 06 – em anexo), essa situação é menos perceptível; os três níveis de conservação dos imóveis inventariados aparecem mais dispersos no mapa.

### **3. Características da Edificação**

#### **Ouro Preto**

##### Uso

Foram produzidos três mapas referentes aos usos existentes na cidade: residencial, não residencial – comércio e serviços – e misto. Pode-se observar dois tipos de concentração de uso: uso que abrange quadras inteiras, caracterizando todo um bairro ou uma região específica; uso que se fixa ao longo de ruas principais, indicando a influência de caminhos percorridos com maior frequência por atravessarem ou ligarem áreas de interesse econômico, político e/ou cultural.

Os dois tipos de concentração de uso são verificados na cidade através do mapa de uso não-residencial (MAPA 07 – em anexo): concentração em quadras inteiras - Praça Tiradentes e quadras adjacentes, incluindo a rua Conde de Bobadela; concentração ao longo de ruas principais - ruas São José e Getúlio Vargas.

O uso não residencial se dilui e se torna cada vez mais escasso na medida em que se afasta do centro da cidade, simbolizado pela Praça Tiradentes, antes denominada Praça do Palácio, visto que a instalação de comércio era feita prioritariamente nas áreas mais movimentadas e mais povoadas. A Praça do Palácio localizava-se no centro do “caminho-tronco” e conformou-se no núcleo principal da povoação. Porém, convém salientar que este núcleo ou centro administrativo é consequência do povoamento já existente em Ouro Preto e não a origem dele (VASCONCELLOS, 1951).

O povoamento da antiga Vila Rica foi longitudinal seguindo o “caminho-tronco” entre Cabeças e Padre Faria, unindo os arraiais de Nossa Senhora do Pilar e de Antônio



Dias. A Vila fundou-se entre esses arraiais, pois era o sítio de maiores conveniências que os povos tinham achado para o comércio (VASCONCELLOS, 1951).

Em 1715, Vila Rica já havia se transformado em um grande empório, apesar do comércio ainda não ser bem visto: o trabalho manual era reservado aos negros, enquanto os brancos apenas comandavam. Mesmo assim o comércio da cidade era o maior das Minas Gerais, pois chegavam mercadorias de São Paulo e Rio de Janeiro. As lojas eram abastecidas principalmente de produtos europeus. Hoje, boa parte do comércio e de serviços existente na cidade mantém-se concentrada no local de origem, como pode ser observado no mapa. As melhores construções particulares destinavam-se a *lojeas* ou *vendagens* e são nesses imóveis que perduram o uso não residencial, como pode ser verificado nas ruas São José e Conde de Bobadela.

O uso residencial em Ouro Preto é homogêneo, pois caracteriza todos os espaços da cidade, dos extremos ao centro. As áreas e ruas apontadas como concentradora do uso não residencial também abrigam unidades residenciais, conformando assim o uso misto. Nas quadras ao redor da Praça Tiradentes se concentravam as residências das classes de maiores recursos e comércio mais ativo e nas zonas extremas as casas mais pobres e servidas por núcleos de comércio próprio, situação que permanece ainda hoje.

### Ocupação

Foram produzidos dois mapas: ocupação acima do nível da rua (MAPA 08 – em anexo) e ocupação abaixo do nível da rua. As edificações em Ouro Preto apresentam dois ou mais pavimentos nas áreas de maior fluxo de pessoas e mercadorias, indicadas anteriormente como sendo na Praça Tiradentes e ruas Conde de Bobadela, São José e Getúlio Vargas. Os poderes político e econômico se expressavam também através das edificações mais imponentes, com mais de um pavimento e com detalhes construtivos diferenciados. As fachadas eram consideradas elementos autônomos da construção e eram, portanto, mais ornamentadas por serem peças de recepção dos visitantes. Em muitos casos, as fachadas aparentavam riqueza acima das posses reais dos seus proprietários.

Porém, de uma forma geral, a ausência de uma economia sólida e estável não permitiu a construção de casas requintadas, fazendo com que a arquitetura civil não apresentasse muita ostentação. As edificações térreas que se concentram nas Cabeças e Padre Faria foram as que menos receberam ornamentos, talvez por não serem vistas por aqueles que passavam pelo centro. Provavelmente, os seus proprietários eram pessoas que se entregavam a trabalhos rurais, mas que não dispensavam casas no arraial para desfrutá-las nos dias de folga, seguindo a tendência urbana da cidade (VASCONCELOS, 1951).

Os subsolos aparecem nas edificações situadas em terrenos inclinados, aproveitando os vazios deixados entre o solo e o piso alto (VASCONCELOS, 1951). As construções em lotes em aclive favoreciam a instalação de lojas no térreo; lotes em declive não proporcionam bom acesso aos porões o que muitas vezes deixavam-nos inaproveitados. Nota-se, através do mapa correspondente, uma concentração de subsolos na região central da cidade, correspondentes também a concentração de uso não residencial e misto.

## **Mariana**

### Uso

Assim como em Ouro Preto, foram produzidos três mapas referentes aos usos existentes na cidade: residencial, não residencial– comércio e serviços – e misto. Pode-se observar que em Mariana o uso não-residencial se concentra ao longo de ruas e praças principais do centro da cidade: ruas Dom Viçoso e Direita e Praças Gomes Freire e Cláudio Manuel (MAPA 09 – em anexo). Corresponde justamente à proximidade com a entrada da cidade e local de passagem obrigatória para visitantes e moradores. O uso residencial caracteriza toda a rua Dom Silvério e as quadras abaixo da Praça Gomes Freire e são áreas favorecidas pela maior tranquilidade dentro do centro histórico. Porém, as unidades residenciais também estão presentes nas regiões predominantemente não residenciais, conformando assim edificações de uso misto.

### Ocupação

Foram produzidos dois mapas: ocupação acima do nível da rua (MAPA 10 – em anexo) e ocupação abaixo do nível da rua. Edificações térreas e com mais de um pavimento pontuam todo o espaço urbano analisado, tornando-o relativamente homogêneo. As edificações mais altas caracterizam as ruas Direita e Dom Viçoso e as Praças Gomes Freire e Cláudio Manuel (Praça da Sé), enquanto as térreas caracterizam a rua Dom Silvério). Há uma correspondência entre o tipo de uso e a ocupação, pois desde o início da conformação da cidade as áreas das praças, principalmente da Praça Cláudio Manoel, eram áreas comerciais, de circulação e aglomeração de pessoas. Por isso, os imóveis mais imponentes acabavam sendo construídos nesses locais.

A quantidade de subsolos em Mariana surpreende, visto que a topografia mais plana não favorece sua existência. Contudo, pequenos desníveis foram utilizados e transformados em subsolos para um maior aproveitamento dos espaços no lote. Nas encostas dos córregos percebe-se maior concentração de imóveis com subsolo.

## **AVALIAÇÕES**

Após as observações feitas e hipóteses lançadas voltamos ao título do trabalho: estariam Ouro Preto e Mariana preservadas?

O que mais chama a atenção a partir das análises dos mapas é a clara influência do turismo nas duas cidades. As áreas centrais, mais visitadas e freqüentadas pelos turistas e mesmo pelos seus habitantes, portanto mais visíveis, preservam mais a tipologia dos casarões e materiais de construção antigos e estão em melhor estado de conservação. As áreas periféricas apresentam maior substituição das técnicas construtivas tradicionais e modificações tipológicas e estilísticas nas construções, justificadas talvez pela falta de investimentos pois não são áreas de interesse turístico apesar de comporem a paisagem urbana e histórica de Ouro Preto e Mariana.

Avaliando por este lado, afirmariamos que os dois sítios históricos estão preservados apenas aos olhos dos turistas. Para moradores e estudiosos, Ouro Preto e Mariana tem sofrido depreciações e constantes ataques contra sua história: tráfego intenso e crescente que abala as estruturas do casario e danifica o calçamento; acidentes como destruição de chafarizes e incêndios; ação de vândalos e mal educados que agem contra o patrimônio público e histórico; falta de aplicação adequada de recursos financeiros; substituição crescente das técnicas construtivas tradicionais; construção de anexos pavorosos junto às edificações antigas; descaso com as áreas periféricas da cidade; expansão desenfreada permitida pela falta de planejamento urbano e plano diretor que a regularize e controle; construção de novas edificações no entorno do sítio tombado que muitas vezes competem com as construções históricas ao poluírem visualmente.

Considerando a importância que Mariana e Ouro Preto assumem no cenário da preservação do patrimônio histórico e artístico mineiro, corroborada pelos títulos de Patrimônio Nacional (1938)<sup>8</sup> e de Patrimônio Mundial (Ouro Preto, em 1980), as duas cidades não podem manter-se sem a urgente atenção que lhes é devida, para que seja garantida a preservação da cultura expressa através da arquitetura e do traçado urbano seculares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

<sup>8</sup> Antes mesmo da criação do IPHAN, Ouro Preto recebeu o título de patrimônio nacional, através do Decreto nº 22928, de 12/07/1933. O tombamento da cidade de Ouro Preto por esse instituto data de 20/04/1938 (Processo nº 70-T, Inscrição nº 39, Livro Belas Artes fl. 8). O tombamento da cidade Mariana pelo IPHAN data de 14/05/1938 (Processo nº 69-T, Inscrição nº 62, Livro Belas Artes fl. 12).

As análises e avaliações espaciais realizadas através da coleção de mapas de Ouro Preto e Mariana permitem compreender a transformação e/ou manutenção de características desses espaços urbanos. Consideradas patrimônios históricos, as duas cidades resguardam em suas ruas e casas parte da história social de uma época, seus costumes e tradições, afirmando a necessidade de preservação e manutenção da memória do país. Os dados apresentados ainda representam pouco a riqueza de informações que Ouro Preto e Mariana têm para oferecer, mas já são o início de um trabalho em favor da proteção desses dois sítios.

Nossa abordagem orientou-se pela premissa de que os aspectos constituidores da identidade de uma sociedade podem ser compreendidos através da leitura e análise de vestígios da cultura material e tipológica produzida em cada período de sua história, sobretudo quando essa apresenta um maior grau de permanência no cotidiano dessa sociedade, representando as formas de construir e de viver. Além do mais, este trabalho reafirma ainda a importância de um Inventário, seja de bens imóveis ou móveis, materiais ou imateriais, pois o objetivo principal é resgatar a história através deles e ao mesmo tempo resguardá-los.

Os bens que constituem os patrimônios culturais se propõem como marcas do tempo no espaço, auxiliados pelo importante papel da memória e da tradição da sociedade. O ideal da ação da política de preservação e de seus instrumentos é selecionar os bens, constituindo sentimento de pertencimento e considerar que o bem é representação da nação e que reforça a identidade nacional.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília M. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 2000. 670p. il.
- DAMASCENO, Cláudia. Mariana: gênese e transformação de uma paisagem cultural. Belo Horizonte, 1995. 200p. Dissertação de Mestrado em Geografia/UFMG.
- FONSECA, Maria C. L. *O patrimônio em processo*; trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; MinC: IPHAN, 1997. 316p.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Identificação e Documentação. *Inventário Nacional de Bens Imóveis – Sítios Urbanos Tombados: manual de preenchimento, versão 2001*. Brasília.
- MORAES, Fernanda Borges de; SILVA, Vanessa Regina Freitas da. *Um Patrimônio Cultural em Transformação: Práticas Construtivas Remanescentes em Mariana e Ouro*

*Preto, Minas Gerais*. Texto apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos, Rio de Janeiro, abril/maio 2003. 18 p. Anais eletrônicos sem paginação (no prelo).

- MOTTA, Lia & SILVA, Maria B. R. *Inventários de Identificação*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998. 113p. Edições do Patrimônio.

- SANT'ANNA, Márcia. Da cidade-monumento à cidade-documento; a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil. Salvador: [mimeo], 1995. 268p + Anexos. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA.

- SILVA, Vanessa Regina Freitas da. *Inventário de bens imóveis de Ouro Preto e Mariana: um patrimônio cultural em transformação*. Relatório Final de Atividades PIBIC 2002/2003. Belo Horizonte, agosto/2003. 38 p + anexos.

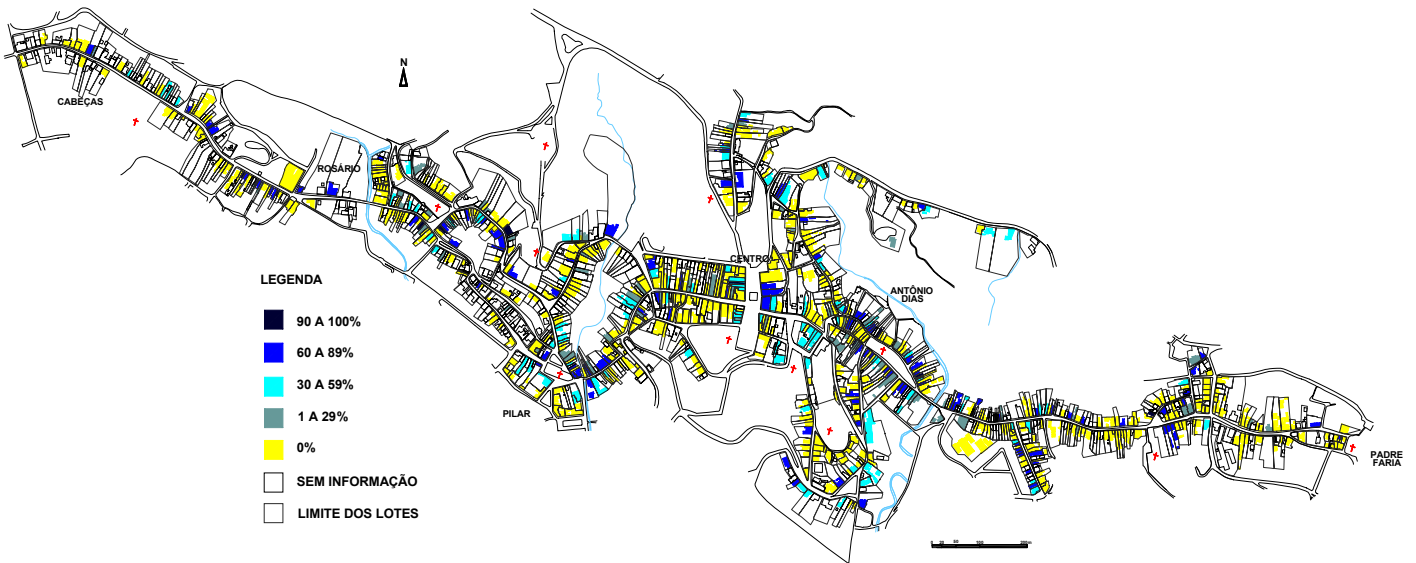
- SILVA, Vanessa Regina Freitas da. *Proteção ao Patrimônio Cultural*. 2003. 56p + anexos. Trabalho apresentado na disciplina “Legislação e Prática Profissional” – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura dois estudos*. Goiânia, 1983. 64p.

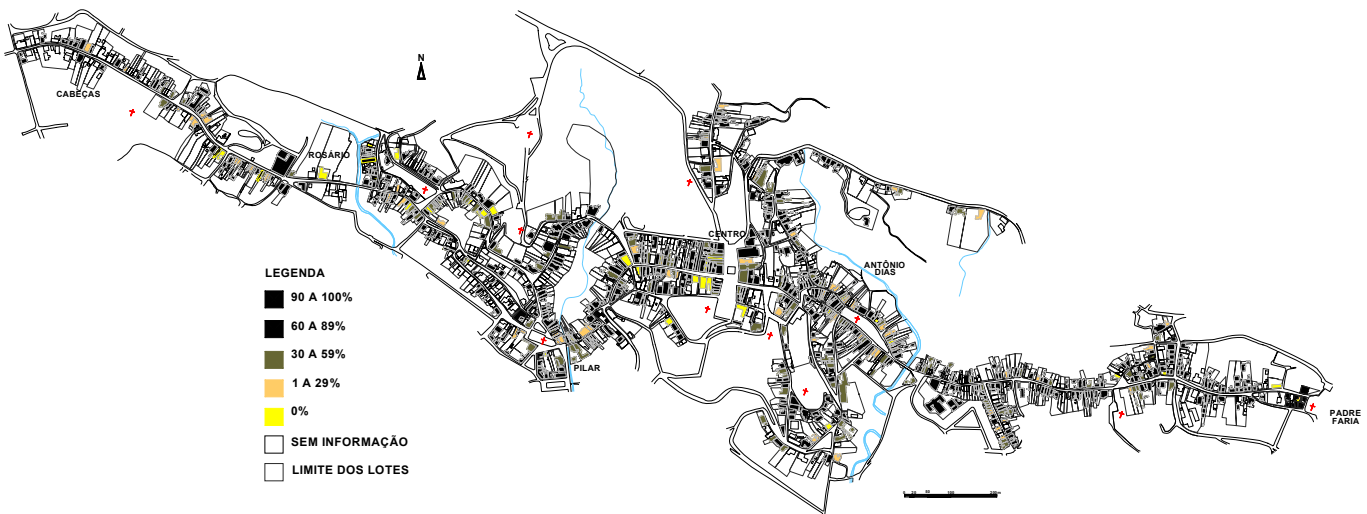
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. 5a ed. rev. Belo Horizonte: Rona, 1979. 186p. Série Patrimônio Cultural, 2. Revisão e notas Suzy Pimenta de Mello.

-VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura Particular em Vila Rica*. Belo Horizonte, 1951. 194p.

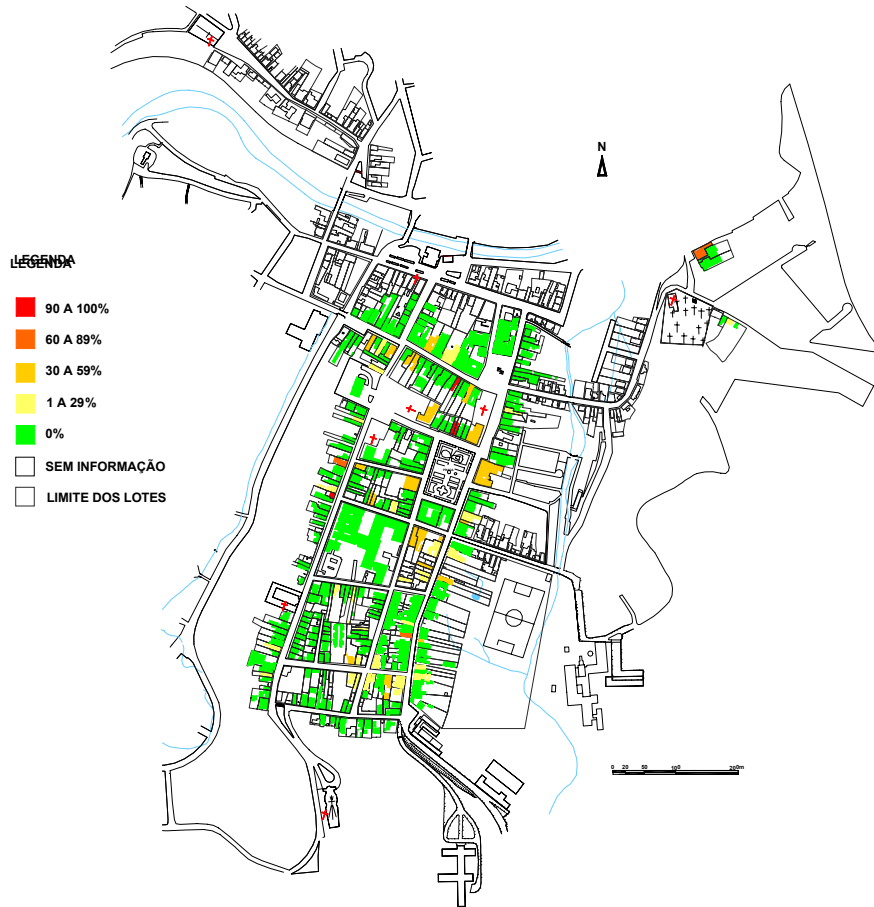
MAPA 01 – Incidência de PAU A PIQUE em Ouro Preto



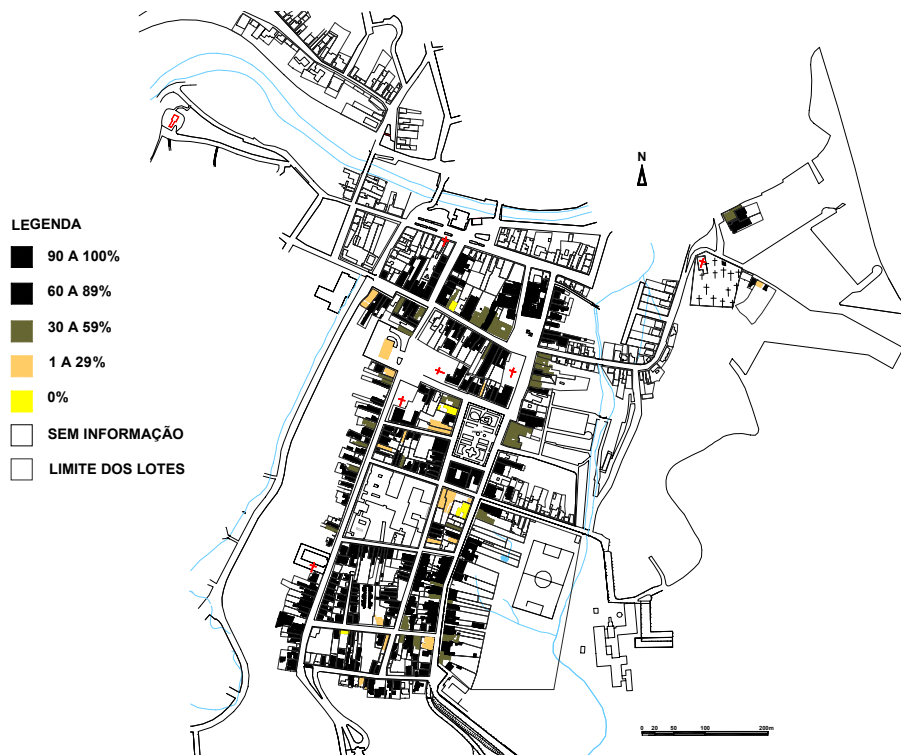
MAPA 02 – Incidência de ALVENARIA DE TIJOLO em Ouro Preto



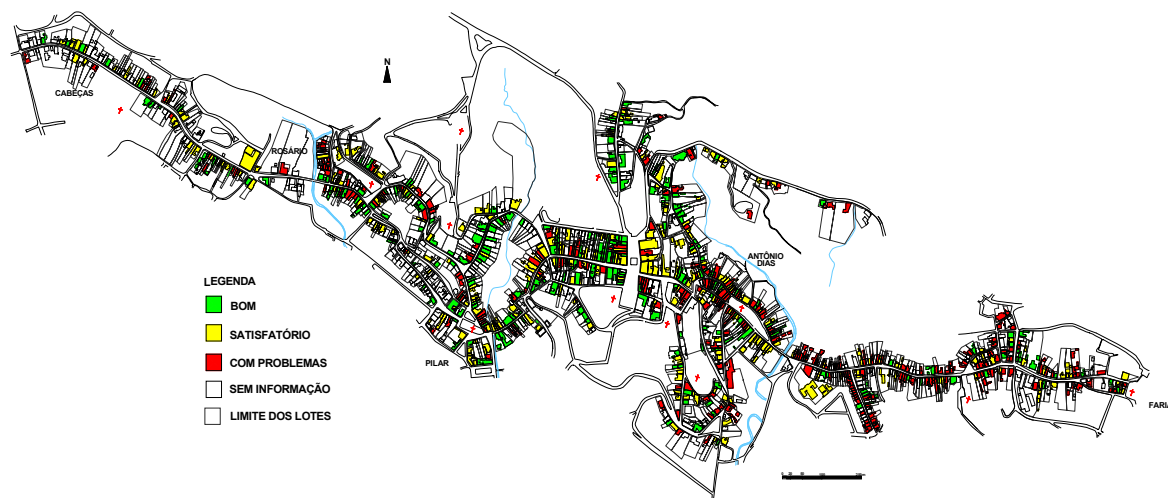
MAPA 03 – Incidência de ADOBE em Mariana



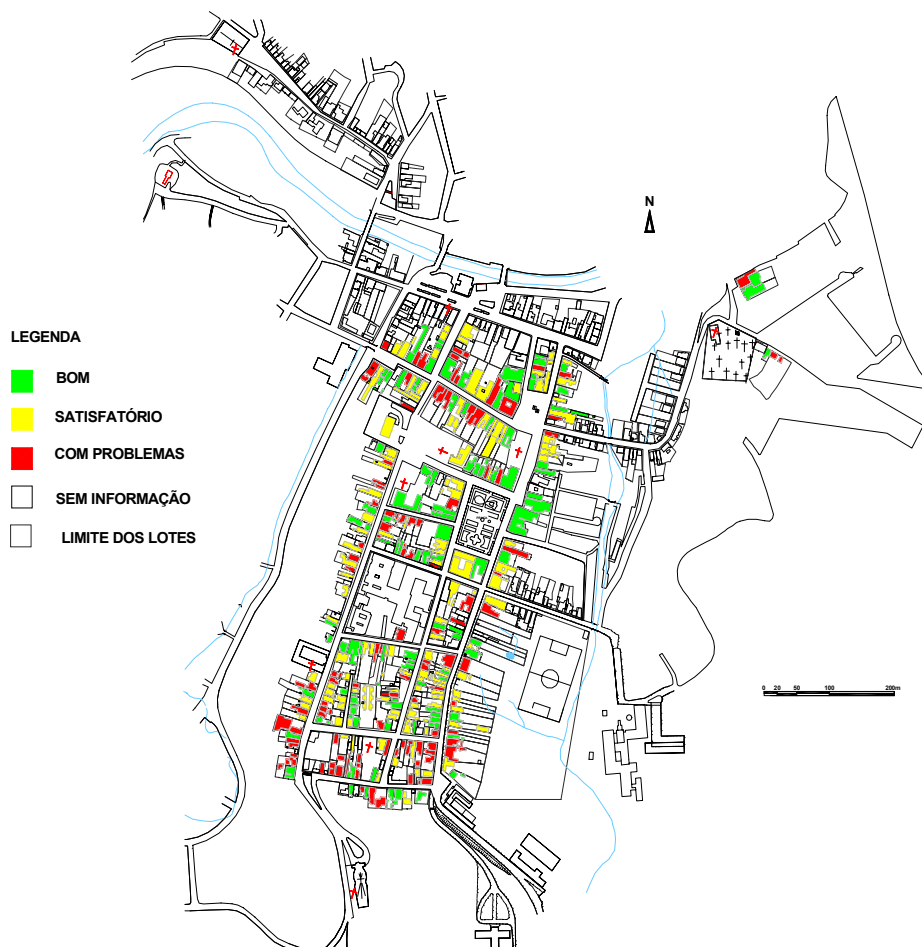
MAPA 04 – Incidência de ALVENARIA DE TIJOLO em Mariana



## MAPA 05 – ESTADO DE CONSERVAÇÃO em Ouro Preto



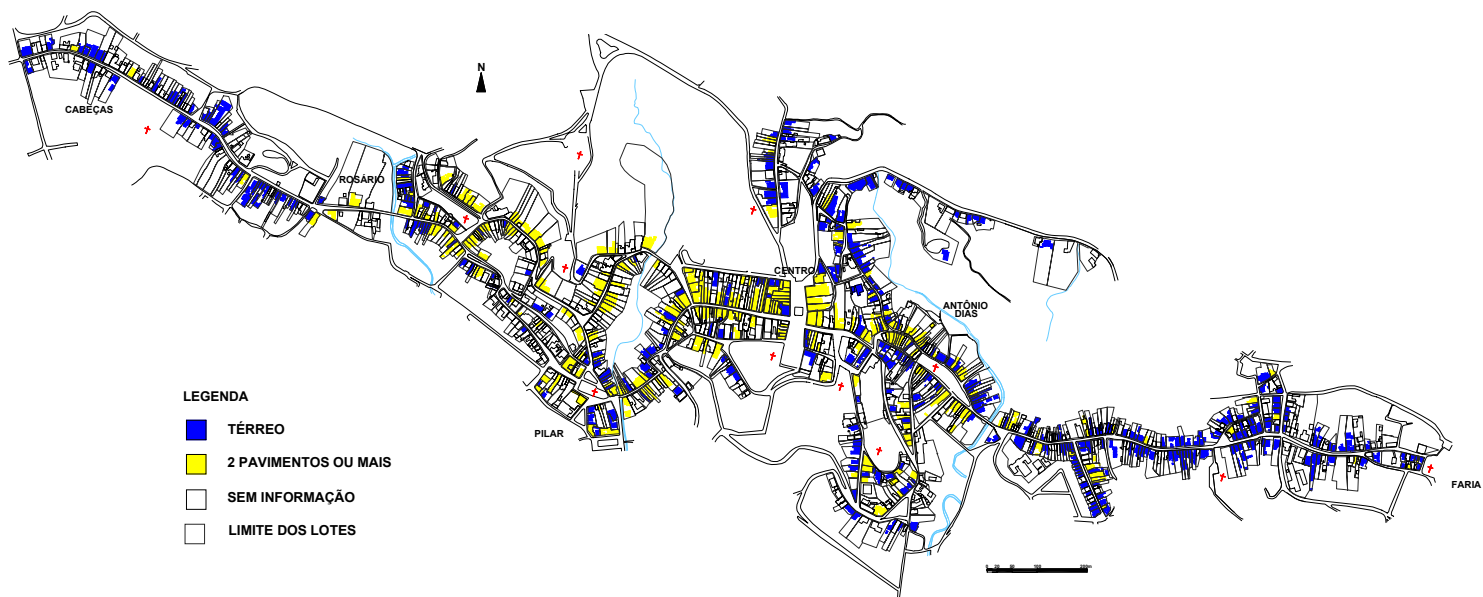
## MAPA 06 – ESTADO DE CONSERVAÇÃO em



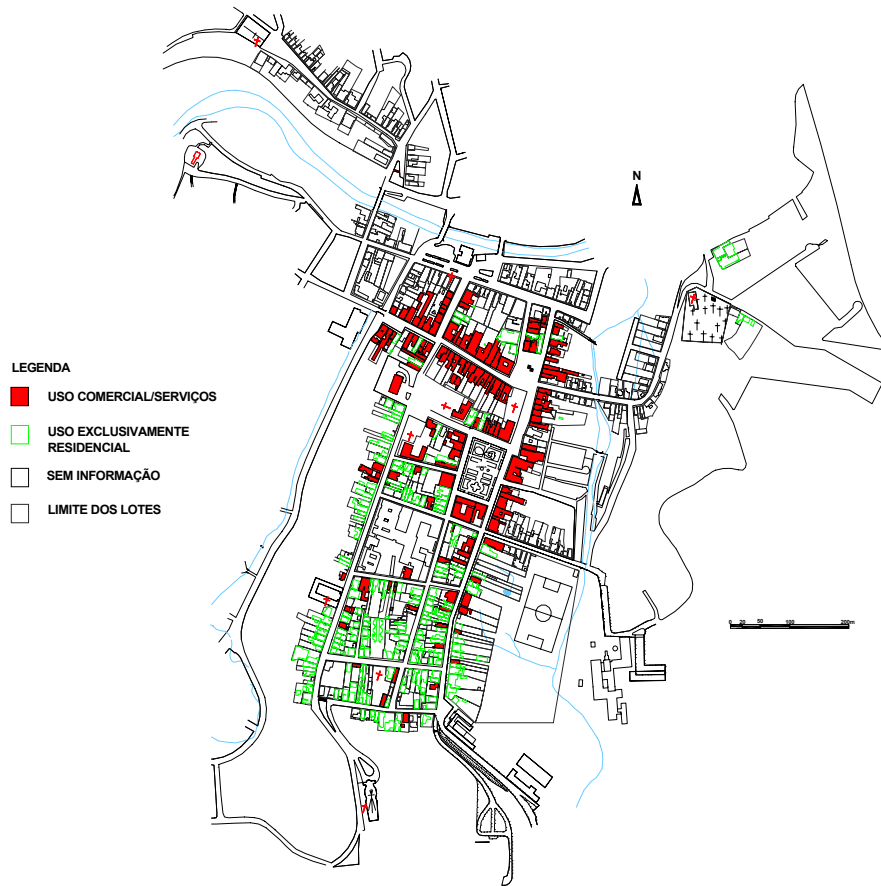


# MAPA 07 – Uso NÃO RESIDENCIAL em Ouro Preto

## MAPA 08 – OCUPAÇÃO em Ouro Preto



MAPA 09 – Uso NÃO-RESIDENCIAL em Mariana



MAPA 10 – OCUPAÇÃO em Mariana